DOI: 10.30612/rehr.v11i22.6978

AS MULHERES NAS PÁGINAS DA IMPRENSA DE RONDONÓPOLIS/MT: UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES E PAPÉIS SOCIAIS NA DÉCADA DE 1980*

WOMEN IN THE PRESS PAGES OF RONDONÓPOLIS / MT: A STUDY OF REPRESENTATIONS AND SOCIAL ROLES IN THE 1980s

Ana Gonçalves Sousa[1]
Adriana Aparecida Pinto[2]

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar como as mulheres eram representadas no jornal A Tribuna, analisando o discurso da imprensa local sobre o papel e lugar social atribuído as mulheres na década de 1980, buscando perceber as formas de resistência e manutenção da ordem e de uma sociedade machista, que ainda concebia o lugar da mulher na esfera do privado e aos homens na esfera pública. O jornal A Tribuna iniciou sua circulação na cidade de Rondonópolis em 07 de junho de 1970 e circula até os dias atuais no formato impresso e desde 2005 no formato impresso e digital. Tal dispositivo veicula em suas páginas algumas matérias que apresentam a cidade de Rondonópolis com forte tom de destaque para sua economia a partir de 1970, período no qual recebeu forte fluxo migratório de várias regiões do país com destaque para as regiões nordeste e sul.

Palavras–Chave: Imprensa periódica; Rondonópolis; Mulheres.

ABSTRACT: This This article aims to present how women were represented in the newspaper A Tribuna, analyzing the local press discourse on the role and social place attributed to women in the 1980s, seeking to understand the forms of resistance and maintenance of order and of a male-dominated society, who still conceived the place of the woman in the private sphere of and the men in the public sphere. The newspaper A Tribuna began its circulation in the city of Rondonópolis on June 7, 1970 and circulates to the present day in printed format and since 2005 in print and digital format. This device transmits in its pages some stories that present the city of Rondonopolis with a strong emphasis on its

* Este artigo é parte ampliada das reflexões apresentadas no XXIX Simpósio Nacional de História – ANPUH, realizado em julho de 2017 na Universidade de Brasilia – UnB.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Historia pela Universidade Federal da Grande Dourados. Bolsista Capes 2016-2018. E-mail: annninhasousa@hotmail.com.

2 Professora Adjunto III dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História (da Universidade Federal da Grande Dourados. Coordenadora dos Projetos: Lugares de história, registros de memória: revitalização do Laboratório de Ensino e Pesquisa em História (LABhis) da Universidade Federal da Grande Dourados e Ensino de História e formação de professores ambos com apoio financeiro da Fundect, via Edital PPP 14/2015 e EDUCA/MS Edital 38/2016, respectivamente. Desenvolve Estágio de Pós Doutorado no Curso de História, na Universidade Estadual Paulista UNESP – Campus de Assis (2017-2018) Email: adrianaaparecida@ufgd.edu.br

economy since 1970, during which time it received a strong migratory flow from various regions of the country, highlighting the northeast and south regions.

Keywords: Periodic press; Rondonopolis; Women.

INTRODUÇÃO

O presente artigo insere-se na vereda de estudos que se pautam na perspectiva da história das mulheres (LUCA, 2005, 2012; RAGO, 1995, 2013; PEDRO, 2006; TRUBILIANO, 2007) e efetivados no diálogo com a imprensa periódica de circulação geral, entendidos aqui a partir da tipologia documental Jornal, buscando, por meio deste, compreender as formas pelas quais as mulheres e os contextos que as envolvem são representados em suas páginas. Este artigo evidencia o esforço de sistematização e análise dos números publicados e em circulação na década de 1980, com periodização a partir da edição n.º 1002, de 03 de janeiro de 1980 perfazendo até 30 de dezembro de 1990, na edição n.º 2.538. Ressalte-se, ainda sobre o uso de documentação pertinente à imprensa para estudos históricos em Rondonópolis, que há poucos investimentos em estudos dessa natureza, corroborando para uma escrita sobre uma da história das mulheres, a partir da ampliação das abordagens, especialmente para pensar suas representações.

A historiadora Tânia Regina de Luca (2012) enfatiza os diferentes momentos nos quais o assunto *mulheres* aparece na imprensa, acompanhando as conquistas sociais e igualdade formal de direitos políticos. Embora sinalize mudanças, a historiadora ressalta a existência de um notável desequilíbrio entre a presença de figuras públicas masculinas e femininas nos noticiários, assim como presença de certos estereótipos em torno de mulheres que adentraram na arena do poder.

As mulheres criaram novas formas de estar no mundo, reivindicando direitos, especialmente sobre o próprio corpo, denunciando os problemas tidos como domésticos, lutando pela casa própria e por espaços e direitos iguais no mercado de trabalho, entre outras lutas (PEDRO, 2006). Michelle Perrot (1988, p. 186), destaca "[...] o silêncio sobre a história das mulheres também advém do seu efetivo mutismo nas esferas políticas, por muito tempo privilegiadas como locais exclusivos de poder".

Em outra obra Perrot (2005) evidenciou o silêncio dos arquivos quanto ao estudo de documentação que dava voz à situação de vida e inserção social das mulheres nos anos iniciais do século XX. Estes arquivos guardavam documentos da cena pública nas quais as mulheres eram apenas ornamentos disciplinados pela moda. A deficiência da documentação habitual contrastava com o chamado *sótão da história* (PERROT, 2005), condicionando o papel social atribuído e desenvolvido por esse grupo, como secundário ou nulo na vida pública. Mostram que as mulheres muitas vezes foram vistas como pessoas sem voz e que não estavam preparadas para cargos políticos, nem para vida na esfera pública. Ao explicar sobre a importância da participação da mulher na espera pública, a autora afirma que importava reencontrar as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres

dotadas de vida, e não absolutamente como autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história. (PERROT, 1988, p. 187).

De acordo com TRUBILIANO (2007) "a história das mulheres emergiu e ganhou peso a partir da década de 1970". As mulheres tiveram que enfrentar muitas lutas para conseguirem conquistar o seu espaço na sociedade e não foram batalhas simples, foram grandes embates que geraram muitas discussões e tiveram que suportar longos anos de espera, mas, "felizmente", conseguiram diversas conquistas, entretanto, conforme sinaliza "algumas vozes ainda se levantavam contra a participação da mulher na vida pública, afirmando ser este tipo de atividade contrária à natureza, que teria destinado para ser exclusivamente mãe e esposa" (TRUBILIANO, op. cit., p. 13).

A partir dessa década a história das mulheres ganha espaço com significativo apoio do feminismo. Cécile Dauphin apresenta retrospecto sobre a história das mulheres, com impacto significativo dos movimentos feministas, antes mesmo que as historiadoras o fizessem. A autora mostra:

> A partir da constatação de negação e de esquecimento, a história das mulheres toma seu impulso em 1970, apoiada na explosão do feminismo e articulada ao crescimento da antropologia e da História das Mentalidades, incorporando as contribuições da história social e dos aportes das novas pesquisas sobre memória popular. Esse foi o período-chave dessa produção intelectual: as militantes dos movimentos feministas fazem a história das mulheres antes mesmo que as próprias historiadoras (DAUPHIN, 2001, p. 8).

Um dos fatos mais emblemáticos da década de 1970 foi a criação, em 1975 (ano internacional da mulher), do Movimento Feminino pela Anistia. No mesmo ano a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), realizaram uma semana de debates sobre a condição feminina.

Ainda nos anos setentas é aprovada a lei do divórcio, uma conquista significativa, pois antes o homem e a mulher mesmo estando separados de corpos, continuavam casados legalmente. Até o ano de 1977, quem casava, permanecia com um vínculo jurídico para o resto da vida. Caso a convivência fosse insuportável, poderia ser pedido o 'desquite', que interrompia com os deveres conjugais e terminava com a sociedade conjugal. Os bens eram partilhados, cessava a convivência sob mesmo teto, mas nenhuma das partes poderia recomeçar sua vida ao lado de outra pessoa cercado da proteção jurídica do casamento. Naquela época, também não existiam leis que protegiam a União Estável e resguardavam os direitos daqueles que viviam juntos informalmente.

> O divórcio viraria lei no Brasil em 1977, mas, antes disso, a obrigação de ficar atrelado por toda a vida a um relacionamento infeliz já estava sendo contestada por pessoas de classe media e alta. Contudo o casamento em si não foi para a lata do lixo; o desejo de se unir a alguém em uma relação monogâmica e estável baseada na atração sexual e com finalidade de construir uma família permanência (PINSKY, 2012, p. 524).

Nos anos 1980, as feministas embarcam na luta contra a violência às mulheres e pelo principio de que os gêneros são diferentes, mas não desiguais. Em 1985 é criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), subordinado ao Ministério da

Justiça, com objetivo de eliminar a discriminação e aumentar a participação feminina nas atividades políticas, econômicas e culturais.

As mulheres marcaram, assim, a nova Constituição, estando muitas de suas reivindicações incorporadas ao texto constitucional. A promulgação da Constituição Federal, em 1988, representou o marco político-jurídico da transição democrática e da institucionalização dos direitos humanos no país. Conforme Morais:

> A constituição de 1988 finalmente igualou os direitos civis das mulheres aos dos homens, tanto na vida publica como na privada. Com respeito à família, a nova constituição determinou que "homens e mulheres têm os mesmos direitos na sociedade conjugal". O mesmo artigo 226, parágrafos 3.º e 4.º, alterou o próprio conceito de família, determinando que, "para efeito de proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento" e "entendi-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes" (MORAIS, 2003, p. 504, Grifos do autor).

Quando o país atinge seu processo de redemocratização observa-se que o feminismo passou por uma reorganização contrária a uma tendência unificadora. Uma espécie de "feminismo temático" apareceu em instituições que tratavam de demandas específicas da mulher. Em certo sentido, o feminismo tomava para si não só a participação na esfera política, mas também se desdobrava no debate de questões e problemas de ordem mais concreta e imediata.

Entende-se, pois, que esta representação, fortemente patriarcal, machista e elitista acerca da mulher e das relações de gênero, fora construída, em parte, pela não historicidade das experiências de construção de mulheres que atuaram e interferiram com suas demandas em diversos setores da sociedade, nos anos de 1980 e pelo discurso o histórico asseverado pela imprensa regional.

A mídia, impressa ou digital, escrita ou falada, enquanto empresas visam o lucro. Por outro lado:

> negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Elas não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chagar até o público (LUCA, MARTINS, 2006, p. 11).

Deste modo, o historiador ao analisar os jornais impressos busca "relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as ideias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extra-textuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos" (CARDOSO, 1997, p. 378).

O texto é sempre portador de um discurso e construtor de representações sociais e culturais. O jornal é um veículo de comunicação da imprensa e, em 1988, a historiadora Maria Helena Capelato assegurou que a imprensa poderia ser considerada um manancial dos mais férteis para se conhecer o passado, visto que "a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos" (1988, p. 13).

Em relação aos estudos realizados em Mato Grosso, em especial sobre Rondonópolis, cidade na qual o Jornal *A Tribuna* é produzido e posto em circulação, Laci Alves sinaliza "[...] o espírito aventureiro de migrantes, mulheres e homens que aceitaram o desafio de "crescer junto com a cidade." (2002, p. 7) Embora haja divergências sobre essa interpretação (GOETTERT, 2008; NASCIMENTO, 1997) estas serão discutidas em outros momentos do trabalho de pesquisa em desenvolvimento.[3]

De acordo com Luci Lea Tesoro, no seu livro "Entroncamento de Mão única – Lembranças e Experiências dos Pioneiros", em 1960 Rondonópolis era uma cidade rural. A autora mostra que "segundo dados do IBGE, os anos sessentas vão surpreender Roo como município emancipado e com uma população de 22.302 habitantes, sendo que 17.870 na zona rural e 4.432 residindo na cidade" (TESORO, 1993, p. 31).

Neste período Rondonópolis já era considerada polo econômico da região e classificada como terceiro município do estado de Mato Grosso (TESORO, op. cit.) em importância econômica, demográfica e urbana. É a década da migração de nordestinos, paulistas, mineiros e sulistas que veem nestas terras bons negócios.

> Finalmente nos anos 70 e 80, tem-se a chegada de um volumoso contingente de sulistas que vem ocupar as terras do cerrado, tidas como improdutivas e, por isso, conseguindo à baixo preço e transformadas em seguida, em extensos latifúndios de arroz e sobretudo de soja (TESORO, 1993, p. 59).

Elizabeth Madureira Siqueira destaca que as atividades produtivas de Rondonópolis perfaziam as seguintes frentes, para além da agricultura e pecuária (gado de corte) e avicultura. Na frente industrial conta com fabricas de bebidas, fábrica de manteigas, indústria de carnes (SIQUEIRA, 2002). A cidade de Rondonópolis localiza-se em uma região bastante privilegiada, pois se trata de passagem quase que obrigatória para acessar o Estado de Mato Grosso do Sul e as fronteiras com São Paulo e Paraná, possui uma grande extensão territorial, com solo propício não só para o cultivo, mas também para a construção de casas, conjuntos habitacionais, prédios, estabelecimentos comerciais entre outros e isso acabou atraindo pessoas de diversos lugares.

O estudo de periódicos permite identificar os modos como representações e formas de entendimento de determinados grupos sociais são postos em circulação, tornando possível mapear noções, costumes e valores que determinados discursos sustentam.

A seleção do jornal *A Tribuna*, primeiro em circulação na cidade de Rondonópolis, justifica-se por sua representatividade e importância na localidade onde circula. Fundado inicialmente como *O Tribuna do Leste,* em 7 de junho de 1970, nasceu com esse nome relacionando-se ao pertencimento de Rondonópolis ao leste do estado de Mato Grosso.

3 As visões dissonantes sobre os processos migratórios e a expansão econômica de Rondonópolis são discutidas no texto da pesquisa de mestrado, de modo mais ampliado, sob título provisório: **Por uma (ou várias) História das Mulheres a partir da imprensa:** papéis sociais e representações no jornal A Tribuna – Rondonópolis, MT (1970-1990). 2017 (Título do material preparado para o Exame de Qualificação, julho 2017).

> Neste período, o A Tribuna além de atuar sempre em defesa de Rondonópolis e da nossa região nas mais diversas causas, serviu também como uma espécie de guardião da nossa história, pois não há um arquivo tão rico de Rondonópolis, de 1970 até os dias de hoje, como o que é mantido pelo jornal.
>
> A direção do A Tribuna desde a fundação teve sempre essa preocupação de guardar para os anais da história da cidade tudo o que o jornal divulgou e olha que não é pouca coisa e o arquivo aumenta todos os dias.
>
> O A Tribuna viu a cidade de Rondonópolis crescer em proporções gigantescas, acompanhou as principais mudanças políticas que a cidade viveu na década de 70 até os dias de hoje e viu a economia da cidade se transformar, passando da pecuária para a agricultura e chegando à fase atual da industrialização (A Tribuna (MT), Editorial, 2012, p. 1). (Sic)

O antigo nome deixou de ser usado com a divisão de Mato Grosso, a partir de 1978, quando o jornal passou a se valer do nome *A Tribuna.* Trata-se da principal mídia jornalística impressa em circulação desde sua fundação, com arquivo organizado e disponível para pesquisas.

Na década de 1980, o jornal *A Tribuna* circulava de segunda a sexta, não havendo publicações nos finais de semana e nem feriados. A circulação dava-se da seguinte maneira: por vezes as edições vinham a público compiladas (relacionando dois ou três dias de publicação), podendo ser adquirido na própria redação, localizada na Avenida Bandeirantes, Centro, em espaços de comércio (supermercados, lojas) e entregue domiciliarmente aos seus assinantes. O jornal era composto por dezoito páginas, organizadas entre espaços editoriais permanentes e outros que se alternavam entre os dias da semana, outros mensalmente, sendo: *Editorial*, *Acontecendo*, *Propagandas*, *Página da Mulher*, *Notícias*, *Etc. e Tal*, *Coluna do Matraca*, *Quem* & Quem, *Aqui, Roo*.

O jornal também conta com a publicação de assuntos avulsos, ou seja, sem vinculação especifica a uma sessão temática as quais atende a ramos específicos da sociedade, como Economia, Agricultura e Política, além disso, há também a parte policial, esportiva e de entretenimento. Desta última constam Coluna social, Palavras Cruzadas, Resumo das novelas, Horóscopo, Piadas, por último o jornal encerra sua publicação com a Sessão de Classificados.

Na década de 1980 já era considerado como o principal meio de comunicação de Rondonópolis e da região. Foi o único jornal de Mato Grosso que participou do Primeiro Congresso Brasileiro de Jornais do interior, sendo representada pela diretora Maria Janice Lograd de Souza. O evento ocorreu na cidade de Nova Hamburgo (RS). A edição de 26 de novembro de 1980 traz a nota sobre o congresso:

> Regressou ontem a nossa diretora, Maria Janice Lograd de Souza, de Nova Hamburgo – RS, onde realizou-se o 1.º Congresso Brasileiro de Jornais do interior, conjuntamente com o 19.º congresso anual de jornais de Rio Grande do Sul.
>
> Nossa diretora, por esta representando naquele comelave o único jornal do Mato Grosso que ali compareceu, foi alvo de muitas atenções e gentilezas, e trouxe gratas recordações dos confrades congressistas, além de um farto material didático-jornalístico espelhando os anseios da classe dos editores de jornais do interior. (A TRIBUNA, Editorial, 26 nov. 1980, p. 1).

Essa participação denota a circulação do grupo editorial rondonopolitano e sua inserção política no campo da configuração da imprensa local, projetada em âmbito nacional. Nesse encontro foi eleita a diretoria da Associação (Abrajori)[4] e a diretora do Jornal *A Tribuna*, Maria Janice logrado de Souza, ocupou o cargo de "Primeira Suplente fiscal":

> Foi eleita a primeira diretoria da Abrajori ficando na presidência Mário Alberto Gusmã, de um jornal Sul Rio Grandense.
>
> Nossa dinâmica diretora Maria Janice Logrado de Souza, continuando com firmeza a luta encelada pelo seu pranteado esposo Aroldo Marmo de Souza, foi eleita para essa primeira diretoria, no cargo de primeira suplente do conselho fiscal. (A TRIBUNA, Editorial,1980, p. 1). (Sic)

Nos anos 1980 o jornal já se tornara amplamente conhecido na cidade. Observam-se em suas páginas noticias sobre o cotidiano das mulheres de classe media e também de mulheres da classe popular, no entanto os protagonismos dessas mulheres variam de acordo com as sessões ou espaços editoriais em que a notícia era dada a ler. As marcas de publicação indicam a tônica da opinião dos editores, visto que dependendo do lugar social que ocupavam, eram tecidos comentários e análises diferenciadas, ora com tom laudatório e elogioso, ora com tom moralizante, prescritivo e até preconceituoso, sugerindo inclusive, modos de se comportar na sociedade e no campo profissional.

É nesse cenário teórico e histórico que, na sequência, apresentamos as relações estabelecidas a partir do diálogo da bibliografia pertinente ao tema e a percepção da problemática anunciada nas edições do jornal *A Tribuna*.

MULHERES N'*A TRIBUNA*

A sistematização das notas publicadas sobre as mulheres no Jornal foi realizada a partir de um mapeamento inicial, que buscou identificar e relacionar, em um banco de dados preliminar, as notícias encontradas que tratavam diretamente sobre as mulheres no jornal. Nesse sentido a discussão que se segue evidencia a seleção das passagens que retratam situações nas quais as mulheres são sujeitos diretos ou indiretos das práticas cotidianas apresentadas na esfera urbana.

A reportagem "Migração justifica apoio especial para Mato Grosso" publicada no dia 29 de janeiro de 1980, noticia o encontro das primeiras damas de alguns Estados da federação, que aconteceu na capital de Mato Grosso, Cuiabá, no qual a primeira dama mato-grossense pediu apoio ao Governo Federal, sob a presidência de João Batista de Oliveira de Figueiredo, com relação à "avalanche humana" que vinha adentrando ao estado de Mato Grosso. O encontro foi assim noticiado:

> O estado de Mato Grosso procura demonstrar neste primeiro encontro de primeiras Damas do Brasil, a necessidade de um apoio especial ao Governo Federal ao trabalho de promoção

4 Associação Brasileira dos Jornais do Interior (A TRIBUNA, Capa, 26 nov. 1980).

> social na região, primeiramente como forma de compensar a avalanche humana que vem adentrando seu território de 881 Km² - 10 por cento da superfície -, num refluxo de mão de obra muito sacrificada, que precisa de assistência até mesmo para recomposição psicológica. (A TRIBUNA, 29 jan. 1980, Capa).

A primeira dama de Mato Grosso à época (D. Yone de Azevedo Campos) fez um discurso sobre sua preocupação com o contingente de pessoas que estavam adentrando ao estado e as dificuldades financeiras enfrentadas para dar suporte ideal a todas as essas pessoas que chegavam. O encontro tinha como objetivo pleitear recursos para o trabalho de promoção social na região no processo de que muitas pessoas chegando à região.

> As entidades assistenciais de Cuiabá — cidade que é o portal da Amazônia pois serve de base para a penetração a amazônica — merecem maiores volumes de recursos para desenvolvimento de programações, diante da explosão demográfica que se verifica na região nos últimos cinco anos argumentava D. Yone de Azevedo Campos, primeira dama de Mato Grosso e presidente da fundação social do estado. Também ordenem o mesmo ponto de vista a primeira dama da capital, Sra. Maria Auxiliadora de Jesus Silva Arruda, Sra. Elsa Gelis Addor — diretora de promoção social da fundação PRO-SOL e ainda as Sras. Jucyara Teixeira Gonçalves e Maria das Graças Pinto Alencar — que compõem a delegação Matogrossense que ora visita Fortaleza. (A TRIBUNA, n. 1023, 29 jan. 1980, Capa).

À sombra dos líderes políticos, as primeiras-damas foram testemunhas dos bastidores das decisões que marcaram a política, a economia e a sociedade brasileira. O papel da primeira dama assim como a sua visibilidade ficam relegados à companhia do marido em eventos de natureza política, e quase sempre está ligado aos setores de assistência social e saúde, entrelaçado ao mandato de governo exercido pelo marido. Poucas mulheres nessa década alcançaram protagonismo nesse campo[5].

A notícia publicada no dia 10 de fevereiro de 1980, na coluna intitulada "As Românticas – As ninfas do miraglia", na sessão *Aqui, Roo*, apresenta uma jovem com sonho de se tornar engenharia química e que esta no processo de escolarização:

> Ana Maria Padilha, Filha do casal Jose Augusto Padilha, 16 aninhos em flor, é a ninfa "NumberOne" que a objetiva de Orestes Miraglia traz hoje para esta coluna. Aninha cursa o 2º ano de petroquímica, em Curitiba. Sua meta é ser engenheira química. Curtindo suas férias em Roo, aqui cintilou na residência do Dr. Miguel da Platec. Estrelaram recentemente – e com sucesso um bem bolado comercial para a televisão. (A TRIBUNA, 10 fev. 1980, Aqui - Roo, p. 3).

Nessa notícia em que se afirma que a jovem estuda e sonha em fazer "engenharia química" e, sempre que possível vem passar as férias na casa de seus pais. Na mesma página há outra informação referente a mais uma jovem: "Maria Helena Rodrigues é, sem favor, uma das cuquinhas mais bem informadas do pedaço. Dá gosto à gente trocar ideias com Leninha. O galã Paulo Vitor também concorda". (A TRIBUNA, 10 fev. 1980, *Aqui - Roo*, p. 3)

5 Com destaque para o trabalho da antropóloga Ruth Cardoso, esposa do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Nesse período as mulheres estão adentrando num contexto de sair da casa dos pais para estudar em outras cidades e estão reivindicando por direitos, especialmente sobre o próprio corpo, denunciando os problemas tidos como domésticos, lutando pela casa própria e por espaços e direitos iguais no mercado de trabalho, entre outras lutas. Num momento posterior, Margareth Rago apresenta o desenvolvimento do feminismo, situando na entrada dos anos de 1980, a organização das mulheres, as novas teorias, enfocando o poder e a política bem como as dimensões subjetivas.

Era comum na sessão *Aqui Roo*, na coluna "As ninfas do Miraglia", escrita por Orestes Miraglia de Carvalho,[6] apresentador do programa radiofônico "Bom dia Cidade" na Rádio Amorim FM-104,9, a exaltação da jovialidade, beleza e inteligência, assim como as condições de estudo possibilitadas pela família fora da cidade, tornando essas moças, "bons partidos" para futuros casamentos bem sucedidos, como indica a análise de Miraglia, na opinião manifesta no excerto: "O galã Paulo Vitor também concorda." (A TRIBUNA, 10 fev. 1980, *Aqui - Roo*, p. 3)

As moças noticiadas na coluna "As ninfas de Miraglia" não eram atrizes de novela, apesar de uma delas, Aninha, ter feito um comercial. Eram, em boa medida, que visitavam as famílias em períodos de férias escolares.

No dia 13 de março de 1980, foi publicada a reportagem "Jovem vai à praia de "Topless", mas leva uma surra do pai: AM". O fato aconteceu na cidade de Manaus, às margens do Rio Negro, chama atenção para uma das polêmicas da década de 1980, ou seja, a exibição das mulheres em lugares públicos. Essa reportagem foi publicada no jornal, na parte de noticias nacionais, a provável justificativa para publicação da noticia e para mostrar para as moças da cidade que o uso do topless seria uma má influência para as jovens da cidade.

A jovem saiu para se divertir com seus amigos na praia. Mas seu pai descobriu, através de uns amigos, que sua filha estava desfilando de "Topless", por isso, o mesmo surrou a filha com um fio de ferro de passar roupa e a trancou no quarto. A reação do pai mostra a ideia de obediência da mulher ao pai. A manauara saiu de casa sem permissão do pai, quebrando a regra de obediência e conduta, tidas como características das boas moças.

Alguns comportamentos sociais, dos núcleos internos às famílias, tornam-se noticia na pagina policial. Na repressão à filha, o pai empregou ação de violência, como lemos na notícia publicada:

> Um homem de 60 anos surrou, com fio de ferro de passar roupa, a filha de 18 anos com castigo por ter ela passeado de "Topless" em uma praia do rio negro, na periferia da cidade. Além de apanhar, a jovem Maria Dulce Braganda Alves foi mantida presa em seu quarto por três dias, atá que uma vizinha denunciou o fato a polícia. O homem, tripulante de um barco que transporta passageiros e carga pelo rio negro, soube através de amigos, que lhe mostrarem a foto da moça publicada em um jornal local. Segundo confessou na polícia, onde depois, o

6 Orestes de Miraglia exerceu várias atividades no jornalismo local, nos primeiros anos de fundação do Jornal *A Tribuna*, atuando ainda como locutor/apresentador de programas radiofônicos na Rádio Clube (AM), Radio Amorim Juventude AM, atualmente atua na Amorim FM (104,9).

> velho sentiu-se envergonhado e do local em que desembarcou seguiu em busca da filha para surrá-la ao chegar em casa o velho Ramiro Lins Alves a filha dormindo e se hesitar, surrou-a com fio e em seguida trancou-a no quarto, só permitindo que a moça fosse alimentada a pão e água diante do silêncio da família, que temia a iria do homem. Uma vizinha da moça levou o caso a polícia. O inquérito sobre o fato foi instaurado ontem pelo 3º distrito policial que já ouviu Ramiro Lima Alves. (A TRIBUNA,13 mar. 1980, p. 3).

O primeiro topless no Brasil surgiu na praia de Ipanema no dia 12 de janeiro de 1972 em que um grupo de mulheres promove o "toplessaco" defendendo a liberdade do corpo feminino. Anos depois o topless foi abordado telenovela "Água Viva", exibida pela Rede Globo em 1980. Na ficção, personagens como Stella, interpretada por Tônia Carrero, Bete, interpretada por Maria Padilha, eram hostilizadas por outros banhistas. Na vida real, algumas praticantes chegaram a levar banho de areia dos incomodados.

Por outro lado, ao revés desse pretenso moralismo, evidenciado na transcrição de notícias de outro Estado, supostamente como modo de sugerir formas de correção e disciplina na educação das meninas de Rondonópolis, o jornal publica frequentemente, foto de mulheres da cidade em trajes de banho ou de praia, as quais ocupam por muitas edições as primeiras páginas. Entende-se que essa estratégia não reflete o moralismo, supostamente endossado na adesão à surra que a menina manauara levou do seu pai.

A notícia publicada no dia 12 de dezembro de 1980 "Conforto e charme no Monte Líbano Palace Hotel" apresenta um indicativo de ideal para mulher solteira, que trabalha e estuda na sociedade rondonopolitana:

> Jane é filha de ex-fazendeiros que deixaram São Jose do Rio Preto e vieram para Rondonópolis e aqui dedicaram-se ao ramo de lanchonete. Jane é irmã do conhecido Batatinha... Jane cursa o 3.º ano de magistério (normal) do Colégio Sagrado Coração de Jesus, mas que se formar-se em Psicologia Clínica. E das 7 da manhã até ao anoitecer lá esta a eficiente Jane distribuindo gentilezas e atenções a todos os hospedes indistintamente. Jane é simples não usa maquiagem, seu belo semblante já é um quadro de Rembrandt, sem precisar de retoques. [...] Jane teve um caso de amor. E esse caso deixou nitidamente rastros no seu semblante. *ele era inspetor dos correios. Foi para São Paulo*... mas Jane que com seu charme, sua humildade e eficiência, logo terá outro eleito. E segundo os padrões dela, terá que ser moreno, médio porte, até uns 40 anos, realizado financeiramente e que tenha cultura, docilidade e generosidade. Jane merece até muito mais, afirmamos. Porque na análise deste relator, Jane não ser psicóloga e sim, relações públicas. Ela nasceu para essa atividade. (A TRIBUNA, 12 dez. 1980, Capa. Grifos nossos).

A notícia apresenta a vida de Jane, destacando a ocupação anterior de seus pais, ex-fazendeiros que migraram para Rondonópolis, vindos de São Jose do Rio Preto, interior de São Paulo, e se dedicaram ao ramo de alimentos. A considerar pela descrição efetivada pelo colunista, pelas condições de trabalho de Jane e a mudança significativa de ramo de atuação da família, infere-se que a família tinha migrado para Rondonópolis em busca de melhores condições de vida.

Investindo em um discurso que promove práticas consideradas adequadas à conduta das mulheres, pautadas nos exemplos desejáveis para a sociedade do período, no dia 25 de novembro de 1980, a reportagem "O 9.º mandamento" apresenta uma entrevista, transcrita em discurso indireto, do frei Otaviano com redator do jornal, na qual o mesmo

nomeia as mulheres "oportunistas e doutrinarias" (A TRIBUNA, 25 nov. 1980, Editorial). Nessa conversa é patente o posicionamento do Frei em relação às formas de condutas das mulheres, as profissões assumidas, dignas e indignas, na percepção do Frei, corroborando para a defesa da moral, bons costumes e integridade social, as quais indiretamente, o Jornal referenda:

> Oportunistas e doutrinantes foram as palavras do frei Otaviano ao redator deste jornal, na ocasião em que este o entrevistou para obter dados para reportagem alusiva aos 40 anos de sacerdócio do santo frade: as mulheres devem obedecer ao 9.º Mandamento expressando-o de forma diferente: não cobiçar o marido alheio. Essas mulheres na quase totalidade, vem de origens humildes, são incultas, e usam seus dotes físicos de beleza e sexualidade para assim poderem aumentar suas rendas. Não raro assim procederam quando ainda eram virgens, mocinhas, que capitularam permissivamente as investidas de machões bem situados na vida. Poderiam ter mais personalidade, amor próprio e espirito firme de decisão e mandar os assediantes machistas às favas, estudarem e trabalharem e se transformarem em dignas esposas de algum homem pobre, mas honrado, e terem chances de ambos subirem na vida em uma escalada comum, com o fruto do trabalho de ambos. Seria uma união profícua, que enalteceria cada vez mais a ambos e seus filhos se exaltariam quando, chegando à idade adulta tomassem conhecimento da luta e jornada dos seus pais... (A TRIBUNA, 25 nov. 1980, Editorial)

Segundo frei Otaviano,7 as mulheres podem trabalhar e estudar, mas tem que se preocupar em casar com um homem de caráter e simples mesmo que não seja rico, mas que a trate bem para quando seus filhos crescerem eles sintam orgulho dos mesmos e possam se espelhar neles para serem pessoas de bom caráter.

O frei fala da mulher humilde e que as mesmas podem estudar e trabalhar, mas o casamento para ele é o centro da sociedade. Para frei Otaviano as mulheres devem conquistar seu espaço, e estudar para que tenham uma vida digna trabalhando honestamente e que sirvam de ótimas esposas.

Na continuação da entrevista o frei revisita o discurso bíblico, possivelmente para amparar a sua abordagem em argumentos, ditos, inquestionáveis:

> "Casai-vos e multiplicai-vos", diz o evangelho, "vou curtir aquele coroa e tomar a grana dele" dizem as concubinas deslumbradas, já com a maldade latente nas nefandas intenções. Mas as vítimas acabam sendo elas mesmas. Esses machistas, que envergonham a sociedade e não raro as suas famílias quando são descobertas as suas atividades extraconjugais, usam as concubinas como se usam as joias e bijuterias. Tem um dia certo para serem usadas e mostradas e um valor intrínseco dada a cada uma. Embora todas essas infelizes deslumbradas sirvam sexualmente de forma idêntica, elas têm retribuição diferente. Algumas são regiamente pagas e assistidas por esses machistas, moram em apartamentos no centro, bem decorados e equipados, e recebem gordas mesadas. Outras mais infelizes, tem que se contentar com uma moradia paupérrima, até sem luz elétrica, e quando solicitadas são conduzidas no carro para um lugar algures e ali praticarem o nefando ato sexual espúrio. Elas as vezes além do direito de morar em casa paupérrima, recebem alguns favores ou trocados. (A TRIBUNA, 25 nov. 1980, Editorial).

7 Frei Otaviano foi primeiro pároco da Igreja Matriz e também das paróquias anexas de Itiquira e Jaciara, juntamente com freis Patrício, Saturnino e Raimundo Schurmann que o auxiliariam nessa missão. Seu primeiro trabalho deu-se com a fundação da Ação Social Franciscana e a construção de uma residência paroquial. De 1959 a 1963 existiam na paróquia os grupos: Apostolado da Oração, Pia União das Filhas de Maria, Congregação Mariana, Cruzada Eucarística, e Legião de Maria.

Na esteira das considerações do frei, verifica-se que a mulher é tratada como objeto que pertence ao homem, percepção calcada no discurso religioso o que, em boa medida, confere legitimidade à interpretação. No final da noticia percebe:

> O homem desde os tempos bíblicos, sempre foi machista, polígamo. Embora muitos tenham profundo amor e veneração pelas esposas, não descartam a possibilidade de terem alguns momentos de prática sexual com outras mulheres, na base da aventura. Somente uma perfeita formação religiosa, dogmática, impede isso.
>
> Nesse perfil odioso de uma sociedade pobre, vê-se o alicerce da família desmoronando. Dia virá que a esposa traída saberá, e tomará decisões óbvias, quase sempre danosa para quem menos culpa tem: os filhos.
>
> Se essas mulheres quisessem aproveitar o sábio conselho do frei Otaviano, estariam mudando a face de uma sociedade pobre, artificial e sem nenhuma estrutura moral. Apenas calçada nas finanças que poderão ser apenas transitórias. (A TRIBUNA, 25 nov. 1980, Editorial)

Em grande parte das notas publicizadas no "A Tribuna", tem-se a aparência de um cotidiano harmônico e estável na cidade de Rondonópolis, balizado pelas preocupações sociais e equidade de direitos e deveres. No entanto, a entrevista com o Frei Otaviano nos permite perceber fissuras nesta representação de estabilidade do feminino.

Em outra frente de publicação, inserem-se noticias sobre shows a serem realizados na cidade, com destaque para Gretchen e Xuxa, que se apresentariam em shows, em períodos distintos.

> A vinda da Gretchen a Rondonópolis, é uma promoção do radialista Noel Paulino e do empresário José Walter Nunes Rosa, conhecido por "cabeça".
>
> Para a apresentação da cantora, foram colocadas 160 mesas à venda e os organizadores, acharam por bem não venderem ingressos; Noel Paulino, falado à nossa reportagem disse esperar que o show da sensualíssima Gretchen; se transforme em um grande sucesso (A TRIBUNA, 28 jun. 1981, p. 5)

A presença da cantora Gretchen em Rondonópolis seria uma atração para a cidade, mas a apresentação não foi possível ser realizado, pois a cantora estava gravida, e segundo a noticia publicada no dia 18 de setembro de 1983, a apresentação não aconteceu por falta de segurança:

> Antes era só boatos isolados, agora o assunto começa a ser encarado com maior seriedade. E sobre a suposta não vinda à Rondonópolis, da cantora bailarina Gretchem, que deveria dar um show no parque de exposição.
>
> O show realmente não aconteceu mas o motivo alegado foi a falta de segurança. A artista chegou a comparecer no palco, mas o que se comenta é que a "Gretchem" era falsa, e esta falsidade está ocorrendo em todos os shows programados com a Gretchem, pois ela se encontra grávida e vem sendo substituída por uma prima, muito parecida c/ ela e, inclusive, este é o motivo que só apresenta fazendo dublagens.
>
> É uma história mais complicada para ser aceita, mas como diz o Didi "quando o povo fala... foi, ou vai ser" (A TRIBUNA, 18 set. 1981, p. 9). (Sic)

Em relação à vinda de Xuxa, a notícia destaca:

> No dia 12 de novembro próximo, 2.º sábado daquele mês, um fato que movimentará o Jet-set de Rondonópolis vai acontecer: a presença da sensual XUXA, a mulher mais cobiçada atualmente, q/ aqui irá apresentar-se numa Noite de Gala. E na da colunista LENA o leitor vai saber mais alguns detalhes dessa tão badalada apresentação da Xuxa em Rondonópolis. (A TRIBUNA, 18 set. 1983, Editorial. grifos nossos). (Sic)

A vinda da modelo Xuxa, será uma grande atração tanto para a cidade de Rondonópolis como para as cidades vizinhas, pois o desfile de moda contará com a presença da modelo conhecida nacionalmente tida como uma das modelos mais sensuais do período, conforme noticia o próprio jornal.

Ao discutir as relações entre gênero, mídia e política no Brasil, os autores Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli (2011) indicam a maneira como os meios de comunicação se portam ao veicularem notícias do cenário político e destacam as consequências de uma divulgação que privilegia a presença masculina em cargos públicos e reforça a sub-representação política das mulheres. "Uma das principais questões da pesquisa é quanto e como a visibilidade de homens e mulheres na mídia contribui para essa configuração das relações de gênero na política."[8] Apresentam o contexto em que as mulheres aparecem na cena política e discorrem como as questões de gênero vêm cedo discutidas na mídia, em que muitas mulheres sofrem preconceitos por adentrarem na cena política. Os autores discutem:

> As mulheres estão menos presentes do que os homens nos espaços de tomadas de decisão: elas possuem menos autoridade e exercem menos poder político. Essa situação de inferioridade está vinculada a muitas outras, como a posição das mulheres na família, sua situação no mercado de trabalho e a parcela dos recursos econômicos que controlam. A representação do mundo social (e em particular, na política) feita pela mídia (e, em particular pelo jornalismo contribui para perpetuar tal desigualdade).[9]

Nesse aspecto, as publicações de A Tribuna corroboram com essa percepção, visto que no dia 11 de março de 1983, a reportagem com o título "Vereadora quer associação das domésticas" noticia a solicitação da vereadora Maria Nilza de Lima Faria, por uma reunião, para discutir a criação da associação das empregadas domésticas. A reportagem apresenta que:

> Nilza de Lima Faria, está liderado um movimento visando criar a associação das domesticas de Rondonópolis. Para tal, está convidando domésticas e patroas, para uma reunião na câmara municipal a partir das 14 horas do próximo dia 20. (A TRIBUNA, 11 mar. 1983, p. 5)

Participaram da reunião:

> Na ocasião se farão presentes a presidente da federação da mulher Mato-grossense, Telma Oliveira (esposa do deputado Dante de Oliveira) e a senhora Aparecida Maria Bezerra, (esposa do prefeito Carlos Bezerra) que juntamente com outras senhoras da sociedade Rondonopolitana estão apoiado essa iniciativa.

8 BIROLI, Flavia, MIGUEL, Luis Felipe. Caleidoscópio Convexo: Mulheres, Política e Mídia. p. 2

9 Id. ibid. p. 11

> Segundo a vereadora Maria Nilza, a associação das domésticas Rondonópolis pretende funcionar como agencia de empregos das domesticas. Mas depois prepara-las com treinamentos para respectivas atividades, visando com isso sanar o grave problema de muitos desempregos, simplesmente pelo fato de que não são encontradas empregadas domesticas com pratica para funções caseiras. (A TRIBUNA, 11 mar. 1983, p. 5)

Assim, nessa reunião foi discutida e planejada a criação da Associação. As empregadas domésticas eram vistas como mulheres pobres, sem instrução e despreparadas para o trabalho nas residências da classe média, ou melhor, nas residências das patroas, que também foram convidadas.

Percebe-se que o nome das empregadas não aparece na notícia, pois quem pode pensar sobre a associação das domésticas seriam as patroas, uma coisa a se pensar: por que não aparecem os nomes das empregadas domesticas? Entre as patroas está a esposa de Carlos Bezerra, autor da PEC das Domésticas.

Ainda na perspectiva da atuação das mulheres no ramo da política, em 29 de agosto de 1.985, o jornal anuncia e notícia a visita da Secretária de educação, professora Maria Juracy de Campos Braga, que participaria, junto com corpo de professores da rede estadual das escolas situadas na cidade de Rondonópolis, do II Encontro de Diretores e Supervisores das Escolas Estaduais da cidade, com o objetivo de debaterem sobre temas envolvendo a grade curricular. Na notícia que segue observa:

> Estará amanha em Rondonópolis, a secretária Estadual de Educação, professora Maria Juracy de Campos Braga, que virá acompanhada do seu subsecretário prof. Dr. Rubens da Cruz Pereira e demais assessores.
>
> Ela virá participar do II Encontro de diretores e supervisores das escolas estaduais da cidade e de sua jurisdição, promovido pela delegacia regional de educação e cultura, cuja delegada é a professora Maria Perpetua Teixeira de Oliveira Stefanini.
>
> Esse encontro que terá inicio às 08 horas na ABR, contará no dia 29 com a presença de todos os diretores e supervisores das escolas estaduais e da DREC e representantes da secretária de educação e cultura.
> No período matutino será enfocado pela gerente de assuntos administrativos profª. Cleuza Zonatto, tema referente a sua pasta e, no período vespertino a gerente de assuntos técnicos profª Maria Amélia B. L. da Silva falará sobre a grade curricular de I a II conforme a lei 7044/82 e o projeto preparação para o trabalho. (A TRIBUNA, 29 ago. 1985, n.º 1865).

Na contraposição das falas nos parece que haveria outros temas mais pertinentes a serem tratados na cidade, a partir da vinda de representantes da Secretaria de Educação, como a própria estruturação de escolas sinalizada pelo ex-prefeito, contudo, tanto o jornal quanto a equipe do governo silenciam sobre essa pauta.

A Delegada de Ensino da cidade, prof.ª Maria Sthefanini, em conversa com a redação do jornal A Tribuna, afirmou a importância de realizar um evento desta natureza na cidade: "[…] o Encontro proporcionará a maior integração entre Diretores, Supervisores, Professores das Escolas Estaduais e conveniadas de sede e jurisdição e produtivo em Prol da Educação" (p. 02).

> No dia 30 o encontro contará como se escreveu com a presença da secretária de educação e cultura de Mato Grosso profª Juracy Campos, seu subsecretário Dr. Rubens da Cruz Pereira e todos os coordenadores, ou seja, prof.ª Nazareth – coordenadora de administração escolar – CAE, prof.ª Vilma – coordenadoria do 1º e 2º graus, prof.ª Estela – coordenadoria de assistência ao educando, prof.ª Maria Eunice núcleo setorial de administração e prof. Laércio da coordenadoria de educação física e deposto (sic), prof. Silvano Piva – departamento de material e patrimônio e prof.ª Maria Laura – coordenadoria de estudos supletivos. Segundo a prof.ª Maria Perpetua Stefanini, responsável direta por essa conquista de Rondonópolis em trazer a secretária até nossa cidade o encontro proporcionará a maior integração entre diretores, supervisores e professores das escolas estaduais, conveniadas de sede e jurisdição e produtivo em prol da educação. (A TRIBUNA, 29 ago. 1985, n.º 1865, Editorial, p. 02).

Maria Perpetua destaca a importância da integração da secretaria com os professores, no entanto, ao que consta na noticia do jornal os professores não foram convidados a participarem do evento, somente os membros das equipes administrativas e pedagógicas. Por outro lado, ao considerar a vida da Secretaria de Educação como uma conquista do seu mandato à frente da Delegacia de ensino, Maria Perpetua legitima seu trabalho político administrativo como profissional preocupada com os rumos da educação rondonopolitana.

O jornal A Tribuna fazia semanalmente entrevistas com mulheres da cidade de Rondonópolis e cidades vizinhas, eram sempre mulheres que de certa maneira eram engajadas no cotidiano da cidade. No dia 14 de setembro de 1988 foi realizada uma entrevista com a Dra. Janete Brás de Oliveira "Nessa entrevista a imagem da mulher que trabalha é traduzida no relato da Dra. Janete, médica e dedicada esposa e mãe" (A TRIBUNA, *Quem&Quem*, 14,15 set. 1988, p. 8).

Eram realizadas perguntas sobre casamento, ciúmes, casais modernos, jovens, doenças, religião e a influência dos meios de comunicação e, por fim, sobre a situação do Brasil. A primeira pergunta da entrevista com a Dra. Janete indagou se "o casamento é instituição falida ou ainda é grande alicerce da sociedade?" (A TRIBUNA, *Quem&Quem*, 14,15 set. 1988, p. 8) nas palavras da mesma "Não acho que seja uma instituição falida, desde que as pessoas que se propõem a casar-se, estejam conscientes do compromisso assumido." (A TRIBUNA, *Quem&Quem*, 14, 15 set. 1988, p. 8). Demostrando sua concepção de que o casamento é compromisso na qual as pessoas envolvidas estejam aptas a assumir, nas quais devem dedicar-se a construção da felicidade pelo casal.

Ao ser perguntada "o que é mais importante para a mulher: realização profissional ou sucesso como dona de casa?" (A TRIBUNA, *Quem&Quem*, 14-15 set. 1988, p. 8) a médica respondeu: "as duas coisas, pois nenhuma profissional estará feliz, completa se pelo lado família, ou seja a dona de casa, ela não consegue desempenhar com eficiência sua função."(A TRIBUNA, *Quem&Quem*, 14-5 set. 1988, p. 8) mostrado que a mulher estará feliz conciliando o papel de mãe, esposa e dona de casa com uma atividade profissional. Quando perguntada sobre "o que a felicidade tem haver com o amor e a afetividade entre os casais?." (A TRIBUNA, *Quem&Quem*, 14-15 set. 1988, p. 8) Ela responde que "muito. Se existe amor, afetividade, compreensão, enfim, harmonia, os momentos felizes são mais frequentes e duradouros."

E por fim, quando perguntada sobre a "religião: ópio do povo ou caminho da espiritualidade e perfeição humana?" (A TRIBUNA, *Quem&Quem*, 14-15 set. 1988, p. 8), responde: "acredito ser a religião o freio, o apoio para o individuo." (A TRIBUNA, *Quem&Quem*, 14-15 set. 1988, p. 8) Discutindo que a religião era um suporte para o indivíduo e o meio de frear as suas fraquezas momentâneas.

Entende-se, pois, que esta representação, fortemente patriarcal, machista e elitista acerca da mulher e das relações de gênero, fora construída, em parte, pela não historicidade das experiências de construção de mulheres que atuaram e interferiram com suas demandas na década de 1980, e pelo discurso o histórico asseverado pela imprensa regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As fontes jornalísticas permitem pensar sobre os discursos e as representações sobre gênero feminino, face às lutas e conquista de direito pelas mulheres em Mato Grosso, um espaço distante do epicentro da urbanização e da industrialização. Na medida em observamos as edições do período mapeado, podemos perceber diversas formas de abordagem do temário da pesquisa.

Observam-se nos textos dos jornais analisados até o momento, uma concepção de que houve avanço em relação aos espaços ocupados pelas mulheres, tanto no Brasil como em Rondonópolis e mesmo que exista a ideia da mulher recatada, balizando uma ideia de núcleo familiar tradicional, tem havido um esforço da sociedade em romper com os papeis atribuídos as mulheres na sociedade rondonopolitana nos anos oitenta.

A dualidade público-privado é discutida por Birolli e Miguel (2011) que esclarecem como essa dicotomia imposta aos gêneros masculino e feminino, respectivamente, serve como justificativa para a manutenção da mulher no ambiente doméstico, servindo como obstáculo à sua participação no mundo do trabalho e da política. A defesa de padrões universais oculta formas efetivas de opressão. Tratam-se de padrões definidos por homens, que visam a proteger sua posição privilegiada. Assim, características associadas à personalidade supostamente feminina a mantêm restrita ao doméstico e responsável pelo cuidado da família:

> Os meios de comunicação pela centralidade no debate publico contemporâneo, funciona como dispositivos de seleção. Têm recursos para barrar atores e falas que tornam, no limite, invisíveis. Ao mesmo tempo, reproduzem um conjunto restrito de discursos e dão sua chancela para determinadas formas da auto-apresentação e do dizer.[10]

Os meios de comunicação com relação às questões de gênero geram certa vulnerabilidade com relação à participação das mulheres na vida publica. Defender que a mulher tem responsabilidades pela posição que ocupa é fechar os olhos para uma série de constrangimentos, coerções e barreiras mais e menos explícitas impostas pelas estruturas sociais.

10 Id., p. 11

No que se refere à análise da imprensa em Rondonópolis, constatamos que embora haja considerável publicação de temas voltados para o cenário feminino, dentre destacando matérias sobre modas; concursos de beleza, reportagens sobre mulheres ocupando cargos de destaque e funções políticas, esses textos guardam as marcas dos discursos predominantemente eivados de marcas de preconceito ligados ao sexo, à classe econômica e condição social, a nota que prevalece ainda carrega a marca de adoção de práticas condicionadas pelo olhar masculino.

REFERÊNCIAS

ALVES, Laci Maria Araújo. Migração, mulheres e educação em Rondonópolis nos anos 50. **Em Tempo de Histórias**, UNB, n. 6, 12 pág., 2002.

BIROLI, Flavia, MIGUEL, Luis Felipe. Caleidoscópio Convexo: mulheres, política e mídia. São Paulo: EduUNESP, 2011.

DAUPHIN, Cécile. et al. História das Mulheres: cultura e poder das mulheres, ensaio de historiografia. Annales, Paris, n. 2, mar-abr 1986. Tradução: Raquel Soihet. "Gênero", Niterói, v. 2. n.1, 2001.

GOETTERT, Jones Dari. O espaço e o vento: olhares da migração Gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou. Dourados, MS: UFGD, 2008.

LUCA, Tania Regina de. A historia dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. pp. 111-153.

_____. Mulher em revista In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). Nova História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Cidadania no Feminino. INPINSKY, Jayme; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). **Historia da Cidadania.** São Paulo: Contexto, 2003.

NASCIMENTO, Flávio Antonio da Silva. **Aceleração temporal na fronteira: um estudo do caso de Rondonópolis – MT**. 1997. Tese. (Doutorado em História), Faculdade de História, USP, São Paulo, 1997.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História:** operários, mulheres e prisioneiros. Tradução: Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos flexíveis. In: _____; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.** Campinas: EDUNICAMP, 2013.

SANTOS FILHO, José Felipe dos. **Dinâmica territorial e marcado de trabalho em Rondonópolis (MT).** Dissertação. (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas (MS), 2011.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira**. História de Mato Grosso:** da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

TESORO, Luci Lea Lopes Martins. **Rondonópolis (MT):** um entroncamento de mão única – lembranças e experiências dos pioneiros. São Paulo, 1993.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros. **Imagens Femininas Nos Jornais Mato** –Grossenses (1937-1945). 2007, 125 pág. Dissertação (Mestrado em História) , Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2007.

Artigo recebido em 29/09/2017

Artigo aprovado em 20/12/2017